



Sérgio Borges

Aldwin W. Clausen, ao presidente José Sarney: "um firme apoio".

Bank of América, mais um que lamenta a moratória. Mas apóia a conversão.

Toda iniciativa que o Brasil adotar para converter a dívida externa em capital de risco no País terá o firme apoio do Bank of America, disse ontem seu presidente, Aldwin W. Clausen, à saída do gabinete do presidente José Sarney. Sua posição foi reiterada ao presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, e a outros peemedebistas, aos quais disse que a moratória foi mal recebida pelo sistema financeiro internacional, mas considerada um gesto que objetivou recompor as reservas cambiais por simples necessidade técnica. Ulysses reagiu, dizendo que com a moratória o País quis mostrar que sua dívida requer soluções não-ortodoxas e que o relacionamento anterior, entre o Brasil e os credores, acabaria gerando uma explosão social — contou o presidente do PMDB na Câmara, deputado Luís Henrique, que participou do encontro junto com o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas.

Para Clausen, ex-presidente do Banco Mundial (Bird), a conversão de parte da dívida externa em investimentos no País é um dos caminhos que podem ser adotados pelo Brasil na busca de uma solução segura para o assunto, porque a medida é capaz de auxiliar a captação de poupança externa e o desenvolvimento do parque industrial brasileiro. Mas ressaltou que a decisão só deve ser adotada pelos bancos que efetivamente participam da renegociação da dívida.

A medida, segundo Clausen, pode significar o fortalecimento da iniciativa privada

no País, porque representa uma forma de se transferir recursos do setor público para o setor privado. "Temos o firme interesse de participar deste processo, especialmente nos projetos vinculados às exportações, que podem ajudar a trazer mais divisas para o País", afirmou.

O encontro de Clausen com o presidente Sarney durou cerca de 40 minutos e teve também a presença do vice-presidente do Bank of America no Brasil, Joel Korn, e do ministro Bresser Pereira, da Fazenda. Os principais assuntos da conversa, segundo Clausen, foram a renegociação da dívida externa brasileira e os resultados do Plano de Estabilização Econômica em andamento no País — os quais ele acha promissores, a julgar pela baixa dos índices de inflação.

Clausen disse ainda reconhecer a necessidade de liberação de novos empréstimos externos para sustentar o processo de crescimento dos países devedores. Resta, contudo, encontrar um caminho que viabilize isto, o que ele espera que ocorra durante a próxima rodada de negociações.

Ele não quis opinar sobre a possibilidade de o Brasil fechar um acordo com os bancos privados sem antes formalizar um acordo com o FMI (Fundo Monetário Internacional). "É ainda prematuro falar sobre isto, por se tratar de uma fórmula não-tradicional de acordo", destacou Clausen, falando da existência de dificuldades políticas para uma negociação do gênero.